

ATTITUDE

INTERIOR DESIGN MAGAZINE

CHOICE



ESPECIAL MAIORCA · Um mergulho fora de época
SPECIAL MALLORCA · A dive out of season

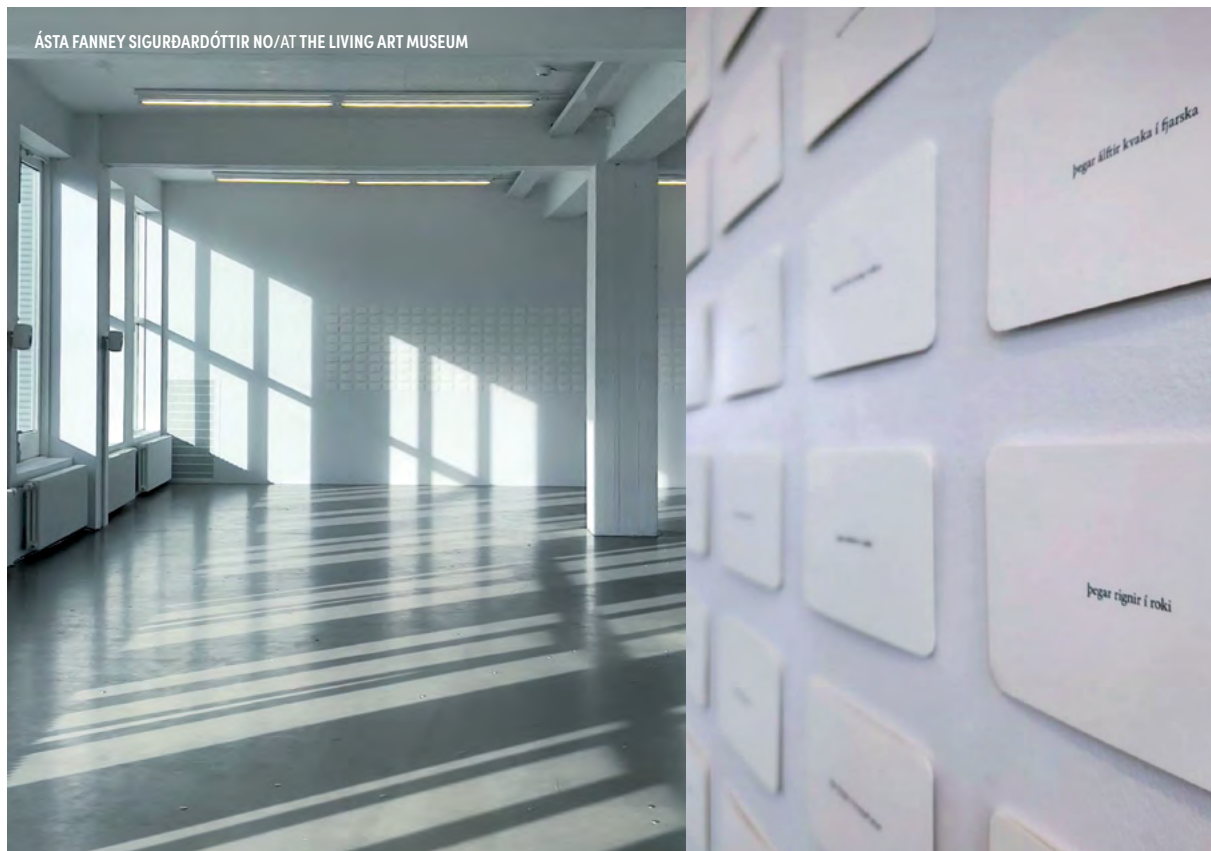
PORTUGAL CONT. 10,00€ · BE/FR/NL/IT/ESP/GR 13€ · DE 14€ · UK £10 · Suisse 16 CHF · Morocco 10 MAD · USA 24,95\$ · Canada 24,95 CAD / Bimestrial



Explorando a vibrante cena artística de Reiquiavique

PERSPECTIVA DE UM *INSIDER* / AN *INSIDER'S* PERSPECTIVE

Exploring Reykjavík's Vibrant Art Scene





HREINN FRIDFINNSSON NO/AT REYKJAVÍK ART MUSEUM, PH © VIGFÚS BIRGISSON

Reiquiavique, embora seja uma cidade pequena, ostenta uma cena artística notavelmente dinâmica que continua a prosperar apesar dos recursos limitados e de uma história relativamente jovem de artes visuais.

A paisagem acidentada e isolada da Islândia pode parecer um cenário improvável para uma cena artística contemporânea promissora, mas estas condições alimentam o seu pulso criativo. Longe das típicas capitais da arte, Reiquiavique emergiu como um epicentro inesperado onde prosperam artistas e espaços experimentais. Inspirando-se no dramático ambiente natural e no património cultural da ilha, a arte islandesa é frequentemente marcada por um espírito de experimentação e uma profunda ligação à natureza, com os artistas a reflectirem frequentemente sobre a tensão entre tradição e modernidade, promovendo uma mistura única de inovação e colaboração entre artistas que contribuem para uma comunidade dinâmica, que reflecte perspectivas locais com influências globais.

Margrét Áskelsdóttir é curadora, consultora de arte e gestora de arte corporativa especializada em arte contemporânea em Reiquiavique e, respondendo à minha curiosidade sobre as tendências actuais, explica: "Reiquiavique é uma cidade pequena com uma cena artística local vibrante. Não existe um bairro artístico específico, mas é possível deslocar-se a pé entre os principais locais. A Galeria Nacional e o Museu de Arte de Reiquiavique têm várias localizações. A Casa Marshall alberga duas galerias comerciais, uma galeria gerida por artistas, Kling & Bang, e o Museu Vivo, Nýló, um museu gerido por artistas. Fora da área principal da capital, outros locais interessantes incluem Gerðarsafn e a Galeria Y em Kópavogur. A cena artística gerida por artistas na Islândia é fascinante, com fortes ligações a museus e outros espaços de exposição. Nós, islandeses, sabemos como fazer as coisas

Reykjavík, though a small city, boasts a remarkably dynamic art scene that continues to thrive despite limited resources and a relatively recent history of visual arts.

Iceland's rugged, isolated landscape may seem like an unlikely backdrop for a thriving contemporary art scene, yet these conditions fuel its creative pulse. Far from the typical art capitals, Reykjavík has emerged as an unexpected epicenter where artists and experimental spaces thrive. Drawing inspiration from the island's dramatic natural environment and cultural heritage, Icelandic artwork is often marked by a spirit of experimentation and a deep connection to nature. Its artists frequently reflect on the tension between tradition and modernity, fostering a unique blend of innovation and collaboration among themselves and contributing to a dynamic community that reflects local perspectives with global influences.

Margrét Áskelsdóttir is a curator, art consultant, and corporate art manager specialising in contemporary art in Reykjavík, and in response to my curiosity about the current trends she explains: "Reykjavík is a small city with a vibrant local art scene. There is no specific art district, but you can walk between the main venues. The National Gallery and Reykjavík Art Museum have several locations. The Marshall House hosts two commercial galleries, an artist-run gallery, Kling & Bang, and The Living Museum, Nýló, an artist-run museum. Outside the main capital area, other interesting venues include Gerðarsafn and Y Gallery in Kópavogur. Iceland's artist-run scene is fascinating, with strong ties to museums and other exhibition spaces. We Icelanders know how to make things happen. We've learned that collaboration is usually beneficial, and festivals like Sequences, is an example of years of cooperation between artists, institutions, and museums."

acontecerem. Aprendemos que a colaboração é normalmente benéfica, e festivais como o Sequences são um exemplo de anos de cooperação entre artistas, instituições e museus”.

Pergunto-lhe como é que a arte contemporânea evoluiu na Islândia e ela rapidamente contextualiza-me. “A cena artística islandesa mudou significativamente nos últimos 10 anos, especialmente no sector comercial. Há uma década, existia apenas uma galeria comercial na Islândia activa no plano internacional. Recentemente, abriram mais galerias centradas na venda de obras de arte, o que desafiou o cultivo e o apreço pelo colecionismo de arte contemporânea entre os islandeses. Está a começar a tomar forma um cenário mais estruturado, embora a maioria das pessoas ainda tenha um profundo respeito pelas bases, com um ritmo acelerado e os riscos inerentes. Esta abertura estende-se à cena dos museus, onde existe uma liberdade criativa que muitas vezes não se encontra noutros locais.”

Instada a identificar alguns dos artistas mais proeminentes do seu país, Margrét responde com entusiasmo: “Quando penso em artistas dignos de menção, vem-me à cabeça uma multidão. Hreinn Friðfinnsson, frequentemente referido como o pioneiro do minimalismo conceptual islandês, é o artista que teve o maior impacto na arte contemporânea do país. As suas obras têm uma certa poesia, mas, ao mesmo tempo, podem ser humorísticas ou inteligentes”. Também descreve a influência de “artistas que começaram a sua carreira em Amsterdão nos anos 70 e regressaram à Islândia com uma nova perspectiva; Sigurður Guðmundsson, Kristján Guðmundsson e Kees Visser estão no topo dessa lista”. Da geração seguinte destaca: “Artistas como Rúri, com um trabalho verdadeiramente poderoso e político; Svava Björnsdóttir cria obras minimalistas e simétricas – muitas vezes em grande escala – em papel maché. Magnús Kjartansson será, provavelmente, sempre o meu pintor preferido, e Elín Hansdóttir é uma artista que admiro. Quando se fala da cena artística islandesa, é impossível não mencionar Ragnar Kjartansson”. Conhecido pela sua arte performativa carregada de emoções, alcançou o reconhecimento internacional, tal como Olafur Eliasson, outra celebridade do mundo da arte cujas instalações de grande escala evocam fenómenos naturais. E dos artistas que a influenciaram mais recentemente, Margrét enumera: “Amanda Riffo, Una Björg Magnúsdóttir, Guðlaug Mía Eypórsdóttir, Fritz Hendrik e Logi Leó Gunnarsson que criou, há umas temporadas, uma escultura feita de cotão do umbigo; desde então, não consigo parar de pensar nesse trabalho”. Fala com carinho de Pétur Thomsen e conclui com um voto de confiança para a artista islandesa em quem tem “uma fé inabalável: Ásta Fanney Sigurðardóttir, que possui aquela qualidade elusiva e entusiasmante que estamos sempre à procura quando nos envolvemos com a arte visual”.

I ask her how contemporary art has evolved in Iceland and she quickly gives me some context. “The Icelandic art scene has changed significantly over the past 10 years, especially in the commercial sector. A decade ago, there was only one commercial gallery in Iceland active on the international stage. Recently, more galleries focused on selling artworks have opened, challenging the cultivation and appreciation for collecting contemporary art among Icelanders. A more structured framework is beginning to take shape, though most people still have a deep respect for the grassroots of art, with its fast pace and inherent risks. This openness extends to the museum scene, where there is a creative freedom often not found elsewhere.”

Probed to identify some of the most prominent artists in her country, Margrét responds enthusiastically: “When I think of artists worth mentioning, a multitude come to mind. Hreinn Friðfinnsson, often referred to as the pioneer of Icelandic conceptual-minimalism, is the artist who has had the greatest impact on contemporary art here. His works carry a certain poetry, yet at the same time, they can be witty or clever.” She also describes the influence of “artists who started their career in Amsterdam in the 70s and came home to Iceland with a new perspective; Sigurður Guðmundsson, Kristján

Guðmundsson and Kees Visser figure high up on that list.” From the following generation she highlights: “Artists like Rúri with truly powerful, and political work; Svava Björnsdóttir creates minimalist, symmetric – often quite large – works in papier-mâché. Magnús Kjartansson will probably always be my favourite painter and Elín Hansdóttir is an artist I admire. When discussing the Icelandic art scene, it’s impossible not to mention Ragnar Kjartansson”. Known for his emotionally charged performance art, he has achieved international acclaim, much like



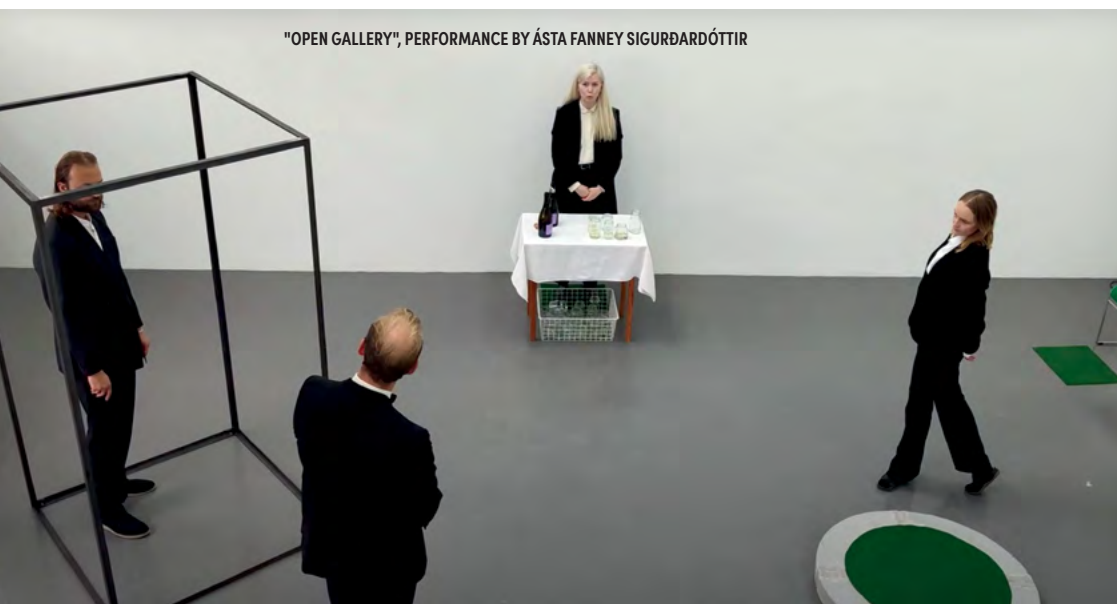
Olafur Eliasson, another artworld celebrity whose large-scale installations evoke natural phenomena. Margrét proceeds to list artists who have influenced her more recently: “Amanda Riffo, Una Björg Magnúsdóttir, Guðlaug Mía Eypórsdóttir, Fritz Hendrik, and Logi Leó Gunnarsson who created a sculpture out of belly button lint a few seasons ago; I haven’t been able to stop thinking about that work ever since.” She speaks fondly of Pétur Thomsen and concludes with a vote of confidence for “the Icelandic artist in whom I have unwavering faith: Ásta Fanney Sigurðardóttir who possesses that elusive quality and excitement we’re always searching for when engaging with visual art”.



PÉTUR THOMSEN NO/AT HAFNARBORG ART MUSEUM

Quanto aos desenvolvimentos futuros, Margrét está otimista, embora reconheça que ainda há um caminho a percorrer para que a arte contemporânea tenha uma presença mais forte na ilha. “Há tanta coisa a acontecer a toda a hora. Conseguimos fazer muito com recursos limitados, mas a realidade é que os museus estão financeiramente sobrecarregados e a perspectiva de organizar mais exposições em grande escala ou de adquirir obras de artistas que não estão intimamente ligados ao país continua, infelizmente, a ser um sonho distante. Espero também que mais islandeses comecem a empenhar-se seriamente em colecionar arte, ajudando a criar uma base operacional mais forte para as galerias na Islândia”. À medida que a atenção internacional sobre os artistas islandeses aumenta, também cresce o desafio de manter esta dinâmica numa cena local pequena mas resistente. ^A

Regarding future developments, Margrét is optimistic while recognizing that there is still some way to go for contemporary art to establish a stronger presence on the island. “There’s so much happening all the time. We manage to achieve a great deal with limited resources, but the reality is that museums are financially stretched and the prospect of organising more remarkable exhibitions on a large scale or acquiring works from artists who are not closely tied to the country, remains, unfortunately, a distant dream. I also hope that more Icelanders will start to engage seriously in collecting art, helping to create a stronger operational foundation for galleries in Iceland.” As the international spotlight on Icelandic artists grows, so too does the challenge of sustaining this momentum within this small-scale yet resilient local scene. ^A



"OPEN GALLERY", PERFORMANCE BY ÁSTA FANNEY SIGURÐARDÓTTIR

MARGRÉT ÁSKELSDÓTTIR, PH. © SAGA SIG

